

REIVINDICAÇÃO LITERÁRIA

(Três poetas cearenses esquecidos — Vicente Getúlio de Andrade Pessoa — Antônio Ivo de Matos — Eufrásio de Almeida)

DOLOR BARREIRA

Foram votados ao mais descarado ostracismo e à exclusão mais dolorosa três poetas cearenses, já despenhados e sumidos nos abismos da morte. São eles, na ordem cronológica do seu aparecimento: — VICENTE GETÚLIO DE ANDRADE PESSÔA, ANTONIO IVO DE MATOS e EUFRASIO DE ALMEIDA.

O primeiro fez seus cantares em 1876 e 1877, como se vê do "SOBRALENSE" desses dois anos, em muitos de cujos números foram publicadas poesias de sua lavra. O segundo sone-teou, maviosamente, nos tempos áureos do "CENTRO LITERÁRIO", em 1895 e 1896, guardando a Revista "IRACEMA" desse tempo, nos seus opulentos escritórios, as suas mais delicadas gemas poéticas. O terceiro sacrificou às musas, salvo engano — de 1907 a 1913, encontrando-se copiosas produções suas na "VIA LATEA", publicação literária que apareceu, em Maranguape, a 1º de janeiro de 1910, na "CAMELIA", revista de letras, cujo primeiro número viu a luz, em Fortaleza, no mês de maio de 1911, e na "CONSTELAÇÃO", órgão do Grêmio Literário "JOSÉ DE ALENCAR", surgido, também nesta cidade, no indicado ano de 1911.

Entretanto, os nomes destes três poetas, hoje completa, embora injustissimamente deslembrados, como se disse, nem sequer se dignam registrá-los — pesa-me dizê-lo — os recenseadores da nossa literatura, a exceção do segundo deles, ainda assim em rápida referência.

Sem falar no “DICIONÁRIO BIO-BIBLIOGRÁFICO CEARENSE”, do Barão de Studart, que lhes fez vista grossa, o mesmo Barão, no capítulo das ‘CIÊNCIAS E LETRAS’, da Geografia do Ceará, não dá, daqueles três poetas, a mais breve notícia. Semelhantemente ocorreu com Antônio Sales, na “HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE”, trabalho com que o laureado autor dos “VERSOS DIVERSOS” contribuiu para o Dicionário do Centenário.

Na seção desse trabalho, relativa à “POESIA”, escreveu Antônio Sales: “Como em toda parte do nosso país, são muito numerosos os cultores da poesia no Ceará. Da geração do tempo da “PADARIA ESPIRITUAL” e do “CENTRO LITERÁRIO”, apenas se contam vivos ou ativos os srs. FROTA PESSOA, ANTÔNIO DE CASTRO e o autor destas linhas”.

Sofreu visível torvação a memória do festejado escritor cearense: pois, ao tempo em que isso afirmou, ainda se encontrava entre os vivos da geração lítero-poética do “CENTRO LITERÁRIO”, Antonio Ivo de Matos, o “dulcíssimo poeta”, como o chamava a “Iracema”, órgão daquela agremiação de que ele foi um dos fundadores.

Antônio Ivo de Matos, poeta, ainda logrou, meteórica menção, no “CEARÁ E OS CEARENSES”, de Antônio Bezerra, na parte que êste dedica ao registro das nossas letras, e uma apreciação, embora em duas fugitivas linhas, no “CEARÁ LITERÁRIO, NESTES ÚLTIMOS DEZ ANOS (1889 a 1899), de Rodrigues de Carvalho, onde o intelectual paraibano não tem dúvida em classificá-lo “um dos bons poetas do Ceará”.

Vicente Getúlio e Eufrasio de Almeida nem isso tiveram a fortuna de lograr. Aliás — diga-se de fugida — Antônio Bezerra não podia, em verdade, referir-se a Eufrasio, porque o seu

ensaio é de 1899, e só mui posteriormente, segundo se viu, fez o poeta sentir a sua atuação na poesia cearense. O mesmo, por idêntica razão, deve dizer-se de Rodrigues de Carvalho, o conhecido burilador de "PRISMAS" e "CORAÇÃO".

* * *

De uma forma ou de outra, todavia, hoje, os três sobreditos poetas **velaram-se de olvido**, como diria Silvio Romero, o que, apesar de injusto, nada tem de insólito, se se tiver em conta esta agra verdade, que a filosofia do Padre Antônio Vieira assim condensou: "Se servistes a pátria, que vos foi ingrata, vós fizestes o que devíeis, ela o que costuma".

É tempo, em todo caso, de clamar contra a crueldade do esquecimento, a que foram desamoravelmente relegados, reivindicando o lugar, a que fazem jús, na história da poesia cearense.

* * *

VICENTE GETULIO DE ANDRADE PESSOA — Nasceu em Sobral, no ano de 1852, e faleceu, na mesma cidade, vítima de beribéri, aos 26 de junho de 1872. É o que prestantemente nos informa Monsenhor Vicente Martins da Costa, abalisado conhecedor dos homens e das coisas da tradicional terra de Domingos Olímpio e de Mozar Donizetti.

Vicente Getúlio era filho de José Raimundo de Andrade Pessoa e de d. Ana Getúlio Pessoa, sendo seus irmãos: — Joaquim de Andrade Pessoa, professor primário, Virgílio de Andrade Pessoa, advogado e deputado, que foi, pelo Estado do Rio, e Emiliano Frederico de Andrade Pessoa, conhecido latinista, genitor de Frota Pessoa, ex-secretário do Interior do Estado do Ceará, no governo do Coronel Marcos Franco Rabelo, e poeta, prosador, publicista e crítico.

Pertenceu Getúlio à prestigiosa família do Senador Fran-

cisco de Paula Pessôa e de João de Andrade Pessôa Anta, mártir da República do Equador.

Foi empregado do comércio, em Sobral, e frequentador assíduo das colunas do "SOBRALENSE", jornal consagrado às ciências, letras, arte e comércio, que apareceu, naquela cidade, a 3 de maio de 1874, sob a direção de João Rodrigues dos Santos, logo transmitida ao Padre João Francisco Ramos Filho.

* * *

No "SOBRALENSE", de 1º de julho de 1877, vem estampado o seguinte — **Folhetim** —, sem assinatura: — "Principiarei derramando uma lágrima de saudade sobre a campa do jovem e malgrado VICENTE GETULIO. Poeta, moço, cheio de vida e aspirações, viu cedo tombar-lhe no ocaso a estrela da existência. Por entre as lágrimas e soluços da família perpassam ainda vagas harmonias, saudosas e tristes, que desferia a inspirada lira, cujas cordas estalaram ao contacto sinistro dos dedos gélidos da morte... Adormeceu sorrindo; sonhou, voou em busca do ideal querido e despertou na eternidade... Nasceu, cantou e morreu...".

No mesmo jornal, da mesma data, ainda se depara esta " — **Necrologia** " — : "As duas primeiras horas do dia 26 de junho, que despontava, foram pungentes e acerbos para o manco, que se finava, dolorosas para a mãe estremecida, irmãos e amigos dedicados. VICENTE GETULIO pereceu ao desabrochar da existencia. Contava apenas vinte e seis primaveras. Todos o conheciam — moço modesto e reservado, escondia suas prendas sob o veu da singeleza. Além do prestígio da sua família, VICENTE GETULIO tinha qualidades que o recomendavam: nobreza d'alma, elevação de sentimentos e um talento precoce, cultivado com os seus próprios recursos. No comércio, profissão que abraçara, houve-se com honradez e sinceridade...".

* * *

Vicente Getúlio era poeta tateante, ainda com o desaprumo do artista que ensaia os primeiros passos. Contudo, através das suas estrofes, vislumbra-se espontaneidade de sentimento, emoção pura e harmonias íntimas, que sensibilizam e prendem...

Sofreu a sua poesia, visivelmente, a influencia do romantismo, na sua terceira fase, na sua fase subjetiva, pessoal, larmartiniana e sentimentalista, em que foram corifeus, no Parnaso Nacional, Aureliano Lessa, Teixeira de Melo e Casimiro de Abreu.

Em Vicente Getulio, salientam-se, em verdade, os traços dominantes, os motivos emocionais que caracterizavam o poeta brasileiro, naquela fase: — o amor sentimental, platonico e mórbido; o lirismo de convenção, de terníssimas efusões, as mais das vezes, piégas; o ceticismo e a melancolia, de ressaibo amargo e doloroso, quasi sempre artificial.

Parece que foi Casimiro de Abreu, o nostálgico cantor das "Primaveras", que mais o impressionou e cujo versejar se esmerou em seguir.

Que Vicente Getulio conheceu e meditou o livro do festejado bardo fluminense, que se enamorou da sua poesia e deixou dominarem-se por ela a sua imaginação e o seu estro, não permitem dúvida: o fato de predominarem, nos versos do poeta so-bralense, o ritmo, a cadência, e os próprios arranjos métricos, preferidos por Casimiro de Abreu e, sobre todos, o fato de servirem de epigrafe a poesias de Getulio versos do filho da Barra de S. João, enfeixados nas suas "Primaveras".

Sirvam de prova: a poesia de Vicente Getulio — "UNS OLHOS" —, a que se sobrepõe a última parte de uma estrofe da poesia — "SCENA ÍNTIMA" —, de Casimiro de Abreu, que diz:

*"Uns olhos assim tão lindos,
Mostrando gozos infindos,
Só dos ceus!"*;

a poesia de Vicente Getúlio — “AMIZADE” —, que se epigrafa com o último verso da poesia, de idêntico título, de Casimiro de Abreu.

“Sê tu meu amigo, serei teu irmão”; e a poesia de Vicente Getúlio — “SOU TRISTE” —, encimada com os mesmos versos de Lamartine, que, por sua vez, encimam a poesia — “MINHA ALMA É TRISTE” —, de Casimiro de Abreu:

“Mon coeur est plein, je veux pleurer!”.

* * *

Tudo isso, aliás, evidência que não tem razão Antônio Sales, dizendo, na sua “HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE”, que, ao passo que o romantismo “começara a sua ótima colheita de Minas ao Maranhão”, “ao enfrentar a ponta do Mucuripe, passava ao largo, como antigamente o faziam as náus dos exploradores, pouco desejosos de experimentarem a sorte do mal aventurado Pero Coelho”.

E não tem razão, porque, muito ao invés, o romantismo penetrou no Ceará e aí produziu seus frutos, que não terão sido opimos, mas que nem por isso são desprezíveis... Poderá, é certo, ter penetrado tardiamente, mais de uma dezena de anos depois de iniciado, no Rio de Janeiro, o terceiro momento da sua evolução, o que, nada tem de estranhável, se se considerar a irremovível dificuldade de comunicação, naquele remotíssimo tempo, entre a Corte e as antigas províncias do norte do Brasil. De uma ou de outra maneira, todavia, irrecurável é que aqui penetrou, chegando até Sobral, recuado e longínquo rincão... E Vicente Getúlio, impregnado de Casimiro de Abreu, é o testemunho palpitante dessa verdade...

De mais a mais, é perfeitamente explicável, em face da indicada circunstância, que a edição das “PRIMAVERAS”, de 1866 (aparecida, aliás, no Porto, pois a imediatamente anterior, de

1859, logo se exgotára) só viesse a ser conhecida, no Ceará, mais de dez anos depois do seu aparecimento...

* * *

Mostremos, agora, o poeta romântico, que Vicente Getulio foi, apreciando-o, de comêço, pelo lado das suas tristezas e desencantos.

“SONHANDO”

*Mui tarde era já, e lá meia noite
No bronze bateu!
E, lúgubre e grave, o echo voando,
Profundo e dorido gemido imitando,
Os ares encheu!*

*E o vento arquejava por sôbre os telhados
Com insano furor,
Qual vaga fremente aos ares se erguendo
Por sôbre os rochedos com fúria batendo
Em louco estertor.*

*É só nessa hora de morno silencio
Que tenho prazer,
Os negros sarcasmos fugindo do mundo,
Que as fauces dilata, qual pego profundo,
Pra tudo sorver.*

*Eu rio do mundo, que, sob os adornos
Dum grande Senhor,
Oculta o punhal banhado em veneno,
E, dando ao semblante um gesto sereno,
É falso, é traidor!*

*Curvada a cabeça fitava o espaço
Já quasi a dormir;
Mas notas suaves que o vento trazia,
Cadentes, repletas de grande harmonia,
Começo a ouvir.*

*A voz era doce, qual voz de uma flauta
Que ao longe tocou;
E rápido um vulto, de branco trajando,
Andar donairoso, qual cisne nadando,
A mim se chegou.*

*Ergui-me sonâmbulo, fitei a sereia,
Contínuo a rolar.
Debalde buscava beijar seus cabelos
Por sôbre as espáduas em frocos tão belos
Continuo a rolar.*

*Estava sonhando; depois despertei,
A virgem a buscar;
— Enganos da alma — meus lábios disseram,
E tristes meus olhos então só puderam
As trevas fitar!"*

Ainda:

"SOU TRISTE"

*Sou triste como o proscrito,
Lá no exílio maláito,
Amargo pranto a verter;
Chora a pátria, que deixou,
A virgem que êle amou,
O berço que o viu nascer.*

*Sou triste como o gemido
Do moribundo abatido
Sôbre o leito a se torcer;
Lança os olhos ao passado,
Esse tempo tão amado,
Essa quadra de prazer.*

*Sou triste como o regato,
Que se escôa pelo mato
De ressequido sertão;
Banha o rochedo escarpado,
Onde rouqueja, esfaimado,
Medonho e negro vulcão.*

*Sou triste como o mendigo,
Sem parente, sem amigo,
Prostrado de inanição;*

*Ninguém, coitado, o consola,
Nem a mais mesquinha esmola,
Vai cair-lhe sobre a mão.*

*Mas sabem porque sou triste,
Porque prazer não existe
Neste pobre coração?
Porque me foge a ventura,
Como a folha na planura,
Batida pelo tufão?*

*É porque fugiu-me a chama
Dum olhar que tudo inflama,
D'imenso e fatal poder;
Apenas surgiu tão bela,
Sumiu-se como a estrela,
Que vai, no espaço, morrer!"*

Mais:

"OUTRORA E HOJE"

*Quando meu peito era virgem,
Quando d'amor na vertigem
Não sentia o coração,
Quão feliz que eu vivia,
E que prazeres sentia
Nesse descuido de então!*

*Era como o passarinho,
Trinando em roda do ninho,
Onde um tesouro guardou;
Era o cordeiro brincando,
Pela campina saltando,
Onde o rebanho encontrou.*

*E nesse incauto viver,
Nessa quadra de prazer,
Era a vida um paraíso;
Fitava os olhos nos Céus,
Meus lábios diziam — Deus!
Em inocente sorriso.*

*Pelo céu de minha vida
Nem uma nuvem perdida
Nesse tempo divagava;*

*Era belo e transparente,
Como a lagôa dormente
Que a viração afagava.*

*Se era noite, eu sorria,
Satisfeito me sentia
Ao despontar da manhã;
Um nome nos lábios tinha,
Que, à toda hora, me vinha,
— O nome de minha irmã.*

*Hoje, porém, que bebi
A luz d'uns olhos, e vi
Uns lábios a se mover,
Ê-me a vida um mar revôlto,
Eu batel sôbre êle solto,
Perdido o leme a correr”.*

* * *

Digamos, agora, do poeta sobralense, nas suas expansões líricas e amorosas. Não há aqui nota sensual, tão pronunciada nos cantos de amor de Casimiro de Abreu, *verbi gratia*, em “AMOR E MÊDO”.

A poesia amorosa de Vicente Getulio embebe-a um suave perfume de inocência, de candura, quiçá de ingenuidade, desnatural, sem dúvida, num môço de mais de vinte e cinco anos.

Eis algumas amostras do seu lirismo, das suas emoções sentimentais ante os enleios e seduções da mulher, essa eterna miragem da delirante imaginação dêsses pobres tresloucados:

“SALVAÇÃO”

*Uiva a procela e o mar se assanha
Qual indômito leão a esbravecer;
As ondas furibundas se estorcergam
Nas rochas escalvadas a bater.*

*As nuvens, galopando desgrenhadas,
Negros corvos semelham a esvoaçar;
Os coriscos descrevem caracóis,
Que se perdem velozes pelo ar.*

.....
*As vagas, elevando-se em montanhas,
Sobre a barca, com fúria, vão cair;
Da esperança o lampejo derradeiro,
Eles virão no negrume se sumir.*

*Mas, rápido, uma tocha luminosa,
Como aquela que os Magos dirigiu,
Sobre o mar derramando claridade,
A barca para o porto conduziu.*

*Eu era a barca, e teus olhos foram
O luzente farol da redenção,
A bússola que os escolhos desviou,
A calma bafejando o coração”.*

“SÚPLICA”

*Viste a barca doudejando,
Sossobrando
Lá no mar em convulsão,
Com os mastros rebentados,
Esmagados,
Aos golpes do furacão?*

*Viste o pobre desterrado,
Arrancado
Da pátria que tanto quer,
Que, em mundo desconhecido,
Esquecido,
Vai para sempre viver?*

*Viste o triste viandante,
Ofegante,
Do caminho transviado,
Do sol exposto ao ardor,
Em torpor,
Sobre a relva debruçado?*

*Sou como a barca que o mar agita,
Ao desterrado sou igual também;
Ao viandante eu assemelho, virgem,
Tem piedade, vem salvar-me, vem!*

Ainda:

"VI-TE"

*O véu que teu rosto mimoso ocultava
Qual astro envolvido nas brumas do sul,
Desfez-se qual nuvem que o vento impeliu,
E corre ligeira no manto d'azul.*

*Eu vi-te, e as setas d'amor despedidas
Lançaram fagulhas no meu coração;
Eu era qual nauta perdido nas ondas,
Revôltas, tangidas por negro tufão.*

*Eu ia já quase tombar na voragem,
Que as fauces abria, qual tigre esfaimado,
Mas tú, na procela, surgiste risonha,
Curvou-se o oceano, de todo domado.*

*Agora teus olhos já luzem faceiros,
Quais finas opalas em fios de ouro;
Agora teus lábios se abrem risonhos,
Inveja das flôres, sublime tesouro!*

*Meu peito, que, triste, cedia à descrença,
Qual fôlha nas azas do vento levada,
Agora desperta, sorvendo a bafagem
Da brisa suave, no norte enviada.*

*Da luz dos teus olhos jamais tu me privas,
Por Deus não me negues tão belo sorrir!
Eu vi-te, e as setas d'amor despedidas
Vieram certas no petto cair!"*

A imaginação de Vicente Getúlio — convém acentuar — não se deixa arrebatada, somente, pelos encantos e graças dessa "adorável louquinha", de que fala Camilo; ferem-na, também, os seus lindos defeitos e inefabilíssimas pequenezas... Assim em

"O DESPEITO"

*"O despeito é vaga douda
Que se estorce, convulsiva,
No ar,*

*Rugindo, qual fera brava
Que, sedenta, busca tudo
Devorar.*

*O despeito é nuvem negra
Da vida o lago sereno
A turvar;
Qual medonho reptil,
Que o passarinho fascina,
Com o olhar.*

*É perigoso veneno,
Que se inoçula, sutil,
No coração;
É como as lavas ardentes,
Vomitadas da garganta
De um vulcão.*

*É baixo e vil sentimento
Que pode d'alma a pureza
Macular;
É negro e pesado véu,
Que vem a face do céu
Enoitar.*

*A mulher despeitada é qual rosa
Que o tufão desprende do hastil;
É qual astro ofuscando, sem brilho,
Em um céu borrascoso de abril.*

*É qual barca, que o leme perdeu,
E que a vaga sacode p'ro ar;
Mar sereno, ocultando cachopos,
Que os incautos não podem evitar."*

* * *

A poesia de Vicente Getulio — "UNS OLHOS" — se com põe de oito preciosas estrofes, inspiradas e maviosas, ricas de suave cadência e de enternecida sensibilidade... Quando outras não tivesse desferido a lira do desditoso vate sobralense, era ela bastante a lhe assegurar lugar não despiciendo na poética do Ceará.

Ei-la:

"UNS OLHOS"

*"Que olhos! Que luz tamanha
Que vi!
Seus raios claros, luzentes
Bebi!*

*Que olhos! Que invencível
Poder!
Fitando-os, quem não se sente
Prender!*

*São negros, da côr da noite,
Oh! são!
Chamejam, qual ateado
Vulcão!*

*Mais claros que os diamantes
Dos céus!
Enlouquecem quem os olha,
Meu Deus!*

*Claras chispas de continuo
A gotejar,
Embora Morfeu os venha
Cerrar.*

*Tanta luz eu nunca vi
Assim!
Meu Deus! Eu vi-os fitos
Em mim!*

*Luzem mesmo no escuro
E são tais
Que não encontram na terra
Rivais!*

*Que olhos! Que luz intensa
Que dão!
Nunca vi poder tão forte,
Oh! não!*

A quem, pela vida fóra, se tenha deixado atrair e envolver
pelos magnéticos amávios de um olhar feminino, que profundas

recordações e que incoercível saudade não há de despertar a leitura dessa poesia, de uma simplicidade tão enleante e de um tão alto poder emotivo?...

Nela entreenxergam-se uns toques da poesia — “OLHOS VERDES” —, de Gonçalves Dias, em que o cantor do “Gigante de Pedra”, do “Y-Juca Pirama” e dos “Timbiras” assim se expande:

*São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos côr de esperança,
Uns olhos por que morri;
Que, ai de mí!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!*
.....

*Como duas esmeraldas,
Iguais na forma e na côr,
Tem luz mais branda e mais forte,
Diz uma — vida, outra — morte;
Uma — loucura, outra — amor
Mas, ai de mí!
Nem já sei qual fiquei sendo,
Depois que os ví!*
.....

*Dizei vós, ó meus amigos,
Se vos perguntam por mí,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos côr de esperança,
De uns olhos verdes, que ví!
Que, ai de mí!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os ví!*

Era consuetudinário entre os românticos cantarem a sua terra... Filhos amantíssimos, entoavam-lhe, por todos os mo-

dos, os mais ternos hinos e os mais sentidos madrigais... Que o digam a "CANÇÃO DO EXÍLIO", de Gonçalves Dias, "NA MINHA TERRA", de Alvares de Azevedo, e "MINHA TERRA", de Casimiro de Abreu.

Vicente Getulio, como quem não pode fugir a um costume estabelecido, assim também expressa o seu filial amor ao seu berço:

"O QUE EU AMO"

*Eu amo as estrelas, que fulgem no espaço,
A lua, que vaga no céu d'anil;
Eu amo as florinhas singelas do prado,
Deitadas com graças no débil hastil.*

*Eu amo o espelho de puro regato,
Que banha as espaldas do monte d'além;
Eu amo os encantos dos vastos salões,
Eu amo a fragrância da bela cecém.*

*Eu amo a rolinha que geme no bosque,
Em busca do espôso, que, triste, perdeu;
Eu amo o crepúsculo fagueiro da tarde,
Eu amo da noite o místico véu.*

*Eu amo as centelhas que a virgem despede
Dos olhos quais per'las em ouro engastadas;
Os lábios que soltam palavras celestes,
O rubro carmim das faces coradas.*

*Eu amo o cordeiro que em roda do aprisco,
Buscando o rebanho, sòzinho, lá berra;
Eu amo a natureza, repleta de encantos,
Porém, mais que tudo, eu amo esta terra".*

* * *

Não ficou Vicente Getulio nos dedilamentos da lira amorosa e nas irresistíveis atrações pela mulher... Há poesias suas, de inspiração religiosa, muito em voga entre os poetas românticos. Sirva de exemplo "SURREXIT", em que êle canta as aleluias alacres da Ressurreição:

*Inda há pouco o firmamento
De luto trajava um manto;
A humanidade, tristonha,
Vertia ondas de pranto.*

*Que silêncio tumular
Dos templos se apoderou!
A voz festiva dos sinos
Desde então não se escutou.*

*Que pavorosa tristeza
Sôbre tudo se espalhou!
Consumou-se o deicídio,
Na Cruz o Justo expirou!*

*Agora, porém, mudou-se
Essa cena lutuosa;
A natureza desperta,
Satisfeita, jubilosa.*

*Nos templos já não se escuta
O som das lamentações;
D'incenso enchem a abóbada
Pardacentos turbilhões.*

*Imenso contentamento
Em tudo hoje transluz;
Quebrando os laços da morte,
Do túmulo surgiu Jesus!*

*Surgiu sublime de glória
Com o ceptro do vencedor:
Curvai-vos, humanidade,
Ao vosso LIBERTADOR.*

*Os gênios mais inspirados
De CRISTO a ressurreição
Jamais poderão pintar
Em tôda sua extensão.*

*Noé fugindo na arca
À ruína universal,
Samsão sustendo aos ombros
A torre descomunal,*

*Lázaro quebrando os elos
Dessa cadeia possante,*

*Jonas surgindo ileso
Do seu tûmulo ambulante;*

*Tudo isto, n'um momento,
À voz de Deus se operou;
Mas CRISTO, por seu poder,
Do tûmulo se levantou.*

*Tendo cumprido a missão,
Que o PADRE lhe confiou,
Em ondas de luz, ao céu,
Majestoso se elevou!"*

* * *

Além das poesias transcritas, há outras muitas de Vicente Getúlio, que não deslustrariam êste despretencioso trabalho, se fossem para aqui transladadas. São: O RISO DA MOÇA; POESIA (AO DRAMATURGO DOMINGOS OLIMPIO); A TEMPESTADE; EM QUE PENSO; SÔNHANDO; BELLE TOUJOURS; COITADA (A UMA MOÇA INCONSOLAVEL); DOIS OLHOS; MÃE; O EXILADO; A INGRATIDÃO; AMIZADE; TRIUNFO e RESSURREIÇÃO.

A tôdas distingue-as a mesma nota: sentimento e simplicidade na sua expressão. Ausência de qualquer preocupação ou rebuscamento literário, aliás explicável num simples emprego de comércio, desprovido, sem dúvida, de qualquer cultura.

* * *

Ha uma circunstância, altamente significativa, que merece relêvo num estudo de Vicente Getúlio como poeta: tornarem-se populares, no Sobral de então, muitas das suas poesias. "Entraram, desde logo, no ouvido e na alma do povo". A poesia "DOIS OLHOS" foi musicada pelo maestro Zacarias Gondim e era cantada pelas sobralenses do tempo — informa-nos Monseñhor Vicente Martins, que a encontrou entre outros versos da coletânea de uma senhora daquela cidade, de avançados anos.

*“Eram dois olhos mas rasgados, pretos,
Ligeiros, vivos, quaes ninguém os tem...”*

.....”

*Meu Deus, eu vi-os gotejando fogo,
Tentei fitá-los, mas tentei em vão...
De longe os sigo, deslumbrado, louco,
Que são a vida do meu coração”.*

Esse é que é o verdadeiro poeta: o poeta que tem a “consagração das ruas”, de que fala Alberto Pimentel; o poeta que o povo sente e cujos versos a solfa popular imortaliza.

* * *

Vicente Getulio tem defeitos. As rimas lhe saem, às vês, forçadas. A sua metrficação, aqui e acolá, claudica. A sua frase, em dados momentos, é pêca e desgraciosa.

Mas Gonçalves Dias era Gonçalves Dias, e isso não obstante, não encontrou Alexandre Herculano, nos seus “PRIMEIROS CANTOS”, imperfeições de língua, metrficação e estilo?

De mais a mais — nota Norberto Silva, em estudo sôbre Casimiro de Abreu —, “a perfeição uniforme seria impossível, e a existir, talvez fizessem disso um defeito, como certo crítico se queixava da monotonia da perfeição de Racine”.

* * *

Vicente Getulio não se pode dizer que fosse grande poeta, nem se aproximasse sequer do vate que parece tê-lo de preferência inspirado.

Mas, pelo que conseguiu, a despeito da sua evidente incultura e das incompatibilidades entre a arte e a profissão, que adotou, e, sobretudo, por ter sido a sua poesia, como a de outros, a que, oportunamente, nos referiremos, um testemunho vivo de que o romantismo penetrou no Ceará e aqui frutificou, merece, por tudo isso, lhe seja assinalado um lugar na nossa história literária, evidenciando-se, assim, a justiça desta reivindicação.